

A arte de Banksy: crítica social para além do grafite

Banksy's art: social criticism beyond graffiti

L'art de Banksy: la critique sociale au-delà du graffiti

Comentário crítico da exposição *The art of Banksy: "Without limits"**

*Greta Fernandes***



Balloon Girl

Não há dúvidas de que a função do nome próprio vai muito além de meramente inscrever o sujeito no registro de nascimento, inscrevendo-o, também, e de maneira muito mais significativa, no registro da ordem simbólica. Nesse mesmo sentido, o nome próprio é uma primeira e essencial manifestação da incidência do desejo do Outro na vida de um sujeito, e isso porque, antes mesmo de ser confrontado às fantasias inconscientes de seus pais, o sujeito já é a elas alienado, posto que, na escolha do nome próprio, convergem todas as expectativas, as tradições e as vicissitudes da família.

Já no âmbito jurídico, a mesma importância atribuída ao nome próprio, também é atribuída a pseudônimos, nomes inventados por um artista, escritor, poeta ou

* Shopping Eldorado, São Paulo – 01/02/2023 a 30/04/2023.

**Psicanalista. Doutora em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA)

E-mail: gretafmoreira@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5475-35055>

jornalista, por exemplo, que não queira ou não possa, por alguma razão, assinar suas próprias obras, sendo este tutelado pela lei quando tenha adquirido a mesma importância do nome oficial.

E o que se pensar de pseudônimos que são usados, justamente, para fugir da lei? Para praticar atos infracionais, que, inadvertidamente, viram obras de arte reconhecidas e aclamadas em todo o mundo? Esse é o caso de Banksy, artista de rua inglês, cujo nome real e identidade seguem desconhecidos, suscitando diversas especulações, e para quem o anonimato é vital, tendo em vista a ilegalidade da prática do grafite.

Inicialmente utilizando-se de seu pseudônimo para fugir da polícia e evitar punições, Banksy desenvolveu a sua principal técnica, o uso de estêncil, justamente ao perceber que esta demandava bem menos tempo para completar um trabalho, facilitando eventuais fugas. Passou, a partir de então, a ganhar uma maior evidência no meio artístico tanto em sua cidade natal, Bristol, quanto em Londres, já por volta dos anos 2000.

Fato é que, quando se é um artista tão controverso quanto Banksy, o anonimato é atraente, se não fundamental. Ainda que, em uma era de vigilância atenta e olhares indiscretos da mídia social, o segredo da sua verdadeira identidade esteja se tornando cada vez mais difícil de manter, o artista persiste na escolha de cobrir o rosto e fazer sua arte disfarçado, permanecendo nas sombras, com uma extensa equipe por detrás para proteger o seu segredo. E, a maior ironia, é que o anonimato de Banksy torna seu trabalho ainda mais dramático, cativante e - em última análise - valioso no mundo da arte que ele zomba.

Importante destacar, ainda, que, para além do grafite nas ruas, Banksy vende livros autopublicados, que incorporam fotos de seu trabalho e alguns de seus próprios escritos, tendo, inclusive, seu livro *“Wall and Piece”* se tornado um *best-seller*. Além disso, seu documentário *“Exit Through The Gift Shop”* rendeu-lhe uma indicação ao Oscar.

Com toda a sua aura de polêmica e brilhantismo, não surpreende o fato de suas exposições ao redor do mundo atraírem milhões de pessoas. Em sua última mostra, *The art of Banksy: “Without Limits”*, sediada em São Paulo, nos meses de fevereiro a abril, foi realizada uma adaptação sob medida para o espaço, com a montagem de diversas áreas com experiências imersivas para o visitante, apresentando mais de 160 obras do artista, divididas em 14 ambientes, trazendo originais certificados, gravuras, fotos, litografias, esculturas, murais e instalações de *video mapping* feitas especificamente para esta edição, oferecendo uma vivência capaz de impressionar todos aqueles que desejam conhecer a produção do artista.

Para adentrar a exposição, somos convidados a passar pelo portal que faz referência à *“Dismaland”* – em suas próprias palavras, “um parque temático familiar para anarquistas principiantes”, que foi montado na cidade de *Weston-super-Mare* no Reino Unido, retratando uma versão sombria e apocalíptica da *Disneyland*. A partir deste portal, abrem-se as diversas salas contendo obras bastante famosas, tais como a icônica *“Balloon Girl”* – também já alvo de grande polêmica, ao ter se autodestruído em um leilão histórico na Sotheby’s em Londres.



Portal Dismaland

Desvelam-se, na sequência, poderosas imagens antiguerra, outro pilar crucial do ativismo de Banksy, que se mantém firme em sua postura contra todas as formas de guerra e violência. Com efeito, símbolos universais de paz são frequentemente vistos em contraste com figuras ou ações violentas e ameaçadoras, como o buquê de flores substituindo uma bomba em “*Flower Thrower*” ou o símbolo da paz em “*CND Soldiers*”, e, ainda, a impressão “*Bomb Love*”, onde uma jovem segura um míssil contra o peito como um presente, e “*Happy Choppers*”, quando sinistros helicópteros militares são envoltos em laços rosa contra um céu azul-bebê.



Sala Destroços da Guerra.

A missão de Banksy de confrontar uma audiência global com as realidades da guerra e defender a paz atinge uma nota particularmente comovedora hoje, no contexto da Guerra da Rússia contra a Ucrânia, tendo a exposição uma sala inteira dedicada à invasão ilegal daquele país por Putin. Através do estilo de humor subversivo de Banksy, combinado com imagens seriamente pertinentes e emotivas, a sua poderosa linguagem simbólica ganha força extraordinária, lembrando-nos de nossa responsabilidade e humanidade

compartilhadas.

De fato, desde que a guerra começou, Banksy, rodou o país fazendo uma série de obras nos escombros do conflito, ali representados na mostra, que traz, inclusive, um dos símbolos que marcam o aniversário de um ano da invasão russa no país, um mural pintado pelo artista de rua inglês que reproduz uma criança derrotando um homem adulto no judô, pintura feita em um muro demolido na cidade de *Borodianka*, a noroeste de Kiev, onde centenas de prédios foram derrubados por aeronaves russas no início da invasão. Cumpre marcar que a escolha do desenho não foi, de forma alguma, aleatória, fazendo alusão ao presidente russo Vladimir Putin, faixa-preta de judô, que estaria sendo, simbolicamente, derrotado pelo menino.

Conforme ressalta Frayze-Pereira (1996), a partir do modernismo, um dos principais intentos da arte passou a ser o de produzir uma certa “textura pulsional que suscita no espectador inquietude, revolta, desassossego” (FRAYZE-PEREIRA, 1996), de modo que as produções artísticas, a partir do início do século XX, abandonando uma função de mera representação, ou de idealização fantasiosa do cotidiano, parecem intentar trazer, de forma escancarada, o sinistro, o vazio em suas formas, estampando uma inquietante estranheza, uma angústia que a perfura, subvertendo, assim, o que inicialmente poder-se-ia pensar como sendo a sua função até então: o deslumbre, o encantamento, o mero entretenimento.



The Flower Thrower

Como aponta Meiches e Alperowitch (1995), uma exposição, tal como essa de Banksy, gera uma obra que mal consegue propor qualquer solução metafórica para aquilo que ela mesma tece como inquietação, acabando por deixar seu espectador num estado de transe, “como se tivesse saído recentemente de uma situação de impacto, uma situação de violência necessária, jamais gratuita, que cuida de nos fechar a boca mais que de abri-la verborragicamente” (p. 85). Desse modo, a obra contemporânea excita o seu espectador, psicanaliticamente falando, pelo que de sexual transformado ela encerra. O estofado de seu impulso provoca o estado exaltado que põe a trabalhar qualquer um que a contemple.

E, ainda segundo Meiches e Alperowitch (1995), se a arte contemporânea inquieta, é porque ela religa um circuito de investigação, destino particular da pulsão escópica, cujo protótipo é a investigação de cada um a respeito da própria origem e sexualidade. De fato, a arte desde sempre interroga as origens, de modo que qualquer pergunta, levada um pouco mais adiante de seu ponto de partida, acaba por encontrar uma resposta insatisfatória: se avançar no caminho que já está trilhando, termina por defrontar-se com um enigma insolúvel e a impossibilidade de uma resposta absoluta torna qualquer uma insatisfatória.

O vazio inquiridor acaba, conseqüentemente, por repor-se, e com ele o afeto fundamental que fatalmente o acompanha: a angústia. Este efeito, como chamam atenção aqueles autores, não abre espaço para muitas divagações sublimatórias ao manter o espectador “num estreito desfiladeiro, onde temos de reconhecer, sem apelação, aquilo

que voltou como questão instituinte do começo de nossa formação psíquica, do início de nossos afetos, dos nossos primeiros encontros com a angústia” (1995, p. 85).

Por conseguinte, afirmam estes autores que, recolocar a angústia como interpretante capital é considerar o inominável que ela sugere mais do que um motor para a experiência artística, seja de produção ou de fruição da obra de arte, uma vez que ela entreteceria, na matéria que será transformada pelo artista, os buracos do irrepresentado, do que não é metaforizável, ainda ou para sempre.

Com seu poderoso discurso antiguerra e anticapitalista, incluindo, em suas obras figuras simbólicas tais como ratos, macacos, policiais, soldados, crianças e idosos, Banksy traz à tona essa angústia fundamental do ser humano, levantando a importância de se lutar, ativamente, contra um *status quo* existente, colocando a sua obra em um limite tênue entre a arte e o vandalismo.

Saindo da sua exposição, não espere encontrar um apaziguamento interior próprio do deslumbramento de uma arte clássica. Ao se permitir entrar em contato com a mostra de Banksy, você se vê obrigado a encarar questões políticas de extrema relevância, retratadas ora de forma crua, ora com algum simbolismo, sendo provocado a entrar em um modo de questionamento de valores previamente tidos como estruturais de nossa sociedade, e que estão aí, como apontado pelo artista, prontos para serem encarados, discutidos e repensados, ainda que se pague o alto preço de enfrentarmos os nossos próprios valores pré-estabelecidos, ficando cara a cara com nosso vazio estrutural.

Referências

Meiches, Mauro; ALPEROWITCH, Eveline. Arte: onde havia sublimação, que advenha angústia. *Revista Percurso*, São Paulo, nº 15, 2o semestre de 1995. P. 82- 88. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p15_texto10.pdf. Acesso em 10 de maio de 2023.

Frayze-Pereira, João A. Um percurso entre a arte e a clínica. *Revista Percurso*, São Paulo, vol. IX, n. 17, p. 128-129, 1996.

Citação/Citation: Fernandes, G. (2023). *A arte de Banksy: crítica social para além do grafite*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 128-132.

Recebido em: 18/09/2023
Aprovado em: 10/10/2023